



ESCOLA DOMÉSTICA



DE NATAL

Autor: Walton Mangabeira

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA



NOILDE RAMALHO

UMA PESSOA FASCINANTE

Dezembro/2010

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA

NOILDE RAMALHO
UMA PESSOA FASCINANTE

**Contém textos da plaquete Uma Pessoa Fascinante:
saudação a Noilde Ramalho, publicada em julho de 2010**

Dezembro/2010

Catálogo na Publicação - Biblioteca da FARN
Setor de Processos Técnicos

Lima, Daladier Pessoa Cunha

Noilde Ramalho - Uma Pessoa Fascinante / Daladier Pessoa Cunha

Lima. - Natal: Ed. do Autor, 2010

39f.

1. Biografia - Ramalho, Noilde. 2. Noilde, Ramalho. - História de Vida.
I. Título.

RN/FARN/BC

CDU 929

SUMÁRIO

1 – Apresentação	7
2 – Uma pessoa fascinante - Saudação a Noilde Pessoa Ramalho	8
3 – Honras a Noilde Pessoa Ramalho	18
4 – Vivas para a ED	22
5 – Elos de Família	24
6 – Pioneiros	26
7 – Miss James	28
8 – Miss James (2)	30
9 – De Pirpirituba para Natal	32
10 - Noilde Pessoa Ramalho	34

6

Daladier Pessoa Cunha Lima também escreveu "Noilde Ramalho - Uma História de Amor à Educação", livro biográfico com 554 páginas, publicado em 2004.

APRESENTAÇÃO

Esta plaquete reúne textos de minha autoria os quais se reportam à vida de Noilde Pessoa Ramalho. No início, encontra-se o discurso alusivo ao nonagésimo aniversário da ilustre educadora, proferido durante comemoração familiar realizada na Pousada Villas da Serra, em 21 de agosto de 2010. A seguir, encontram-se artigos publicados no jornal Tribuna do Norte que abordam aspectos da Escola Doméstica e da família Ramalho, tudo relacionado à figura humana fascinante de Noilde Pessoa Ramalho. Nesta edição, foi inserido artigo também publicado na Tribuna, o único que ela não viu e não leu, pois foi escrito três dias depois do seu encantamento.

Natal, dezembro de 2010

Daladier Pessoa Cunha Lima

UMA PESSOA FASCINANTE

Saudação a Noilde Ramalho



Todos nós presentes nesta festa temos algo em comum, temos um elo que nos une pela força genética. Essa força genética recebe o nome de famílias Pessoa e Ramalho. De origem portuguesa, a família Ramalho é enorme e se espalha por quase todo o Brasil. De um modo geral, os Ramalho são alegres, comunicativos, decididos, inteligentes e solidários. A maioria dos que estão aqui reunidos descende do casal Antonio Amâncio Ramalho e Águida Rodrigues Leite Ramalho. O casal deixou uma prole de oito filhos: José Amâncio, Celso, Luiz, Benjamim, Olindina, Celina, Elvídio e Odilon. Hoje, estamos aqui reverenciando esses antepassados que nos trouxeram à vida e nos transmitiram os códigos das suas células, que são em parte os responsáveis pela forma de como agimos perante o mundo. A eles todos, a nossa permanente homenagem.

Na nossa família, vários nomes são marcantes, inesquecíveis, pessoas queridas e cheias de bondades. Pensamos, agora, nas gerações atuais que estão bem representadas nesta histórica reunião familiar, para identificarmos, sem dificuldades, uma pessoa que se destaca, uma figura humana fora de série, especial, carismática, sensível, plena de virtudes. O nome dessa figura humana fantástica, querida e admirada, todos já sabem e aplaudem: Noilde Pessoa Ramalho.

Aprendi a admirar Noilde desde a minha infância, quando meu pai, Diogenes da Cunha Lima, a ela se referia como uma educadora exemplar e pessoa fascinante. Seus pais, tio Odilon e tia

Lucilla, foram seres humanos que merecem a gratidão e a afeição dos pósteros, porquanto viveram de forma exemplar. Tio Odilon era homem ousado, empreendedor, decidido, amoroso com a família. Tia Lucilla era a ternura em pessoa e a bondade feita mulher. Traços afilados, bonita, sua beleza exterior bem traduzia sua infinda beleza interior. Noilde Ramalho tem um perfil no qual se notam os perfis humanos dos dois, de tio Odilon e de tia Lucilla.

Tenho a honra de ser biógrafo dessa mulher notável e insigne educadora, com o livro “Noilde Ramalho – Uma história de Amor à Educação”, de 554 páginas. No capítulo Reminiscências, Noilde fala do tempo de menina vivido em Nova Cruz: “Tenho saudades da casa onde nasci, em 19 de julho de 1920. Ali, desfrutava de água encanada no banheiro, cozinha e copa, onde acendia luz elétrica no interruptor. Naquela casa, a sala de visitas, clareada e embelezada pela luz dos vitrais coloridos e pelo piso de assoalho corrido, emprestava nobreza ao ambiente; era onde podia falar com papai pelo telefone que interligava a residência à área externa do seu trabalho. Nova Cruz, escute! Tenho saudades imensas do meu convívio familiar: papai, mamãe, Ni, Nando, Bá, Aline, Haydée, meu sangue, minha vida, meus amores”. Nesse capítulo, ela relembra de muitas passagens da infância, do novenário de maio, do Grupo Escolar Alberto Maranhão, das primeiras professoras, das brincadeiras na calçada, quando a meninada brincava de tica e cantava “a barca virou” e “bom barquinho”. O tempo passava e Noilde precisava sair de Nova Cruz para continuar os estudos. Apesar de dois anos mais velha do que Aline, Noilde estudava na mesma série da irmã, pois ficou afastada da escola durante um tempo por motivo de doença. As duas queriam continuar os estudos, mas, por causa de dificuldades financeiras, somente uma poderia ser escolhida para estudar em Natal. Tio Odilon, então, perguntou ao seu compadre, Professor Saturnino Brito, qual das filhas tinha mais aptidões para continuar os estudos. Noilde confessa que, sem querer, ouviu a conversa dos dois e a dolorosa sentença: “Compadre,

proveite Aline, ela é bem superior. Noilde vai devagar, devagar...” Mas o pai, com o senso de justiça, tomou a decisão: “Vai primeiro Noilde, é a mais velha”. No entanto, as rezas valeram e Noilde foi contemplada com uma bolsa de estudos na Escola Doméstica, o que permitiu Aline também seguir para Natal, a fim de ser aluna do Atheneu. Finalmente, o dia tão almejado chegou, e Noilde, de trem, deixa sua cidade em busca do futuro. Ela define essa emoção, esse momento de mudança de sua vida: “O coração tem duas linguagens: a da saudade e a da esperança que se resumem em Nova Cruz e Escola Doméstica de Natal”.

Antes, porém, de abordar o mundo e o tempo da Escola Doméstica, não se pode deixar de lembrar do Engenho Angelim, próximo a Belém, Paraíba, onde a família morou por algum tempo. O casarão da fazenda havia sido a residência do tio de Noilde, Lulu Cruz, irmão da sua avó Ana Idalina. O Angelim produzia cachaça, rapadura e havia plantação de café. Sobre essa plantação, destaque as lembranças de Noilde: “A paisagem do Angelim, bem diferente de Nova Cruz, oferecia a beleza do cafezal em flor com um perfume agradabilíssimo. Gostava de acompanhar o ciclo da planta: a flor branca transformava-se em verde, depois em amarelo, vermelho e, por último, em grãos, marrons, quando eram colhidos e levados a secar em local reservado em frente da casa”. Ainda houve uma passagem rápida pela cidade de Pirpirituba, bem próxima ao Engenho Angelim.

Aos 16 anos, Noilde Ramalho ingressa como aluna da Escola Doméstica de Natal, fato que mudou sua vida e que muito influenciou a vida da própria Escola. Alix Ramalho Pessoa era, à época, a Diretora da ED, a quem Noilde sempre rendeu as maiores homenagens, por ser professora preparada, inteligente e excelente administradora. Prima da Diretora, Noilde tinha o maior cuidado para não ser mal-interpretada pelas colegas, principalmente nos seus assuntos privativos. No tocante a namoros, a vigilância era enorme. Ela chegou a ver a colega Judite Salustino colocar na boca uma carta

do namorado, devido a uma súbita aproximação da Diretora. Em suas recordações, fala das professoras e das colegas, relembra-se de passagens alegres, como a sala do piano, chamada Aero Clube, e da colega Valdívia a tocar o instrumento de ouvido, para animar todo o internato. Quanto aos banquetes oferecidos às autoridades, ela diz que sempre ficava na cozinha, ajudando a Professora Aguinoral. No seu conceito, somente as alunas mais bonitas e elegantes iam servir a mesa do banquete. Depois, percebeu o equívoco, pois o próprio Dr. Varela Santiago confiou-lhe a coordenação de uma exposição importante realizada pela Escola, o que fez um grande bem a sua autoestima. Noilde concluiu o curso em 1939, com nota final 9.2, e, no ano seguinte, já era convidada para ser professora da Escola Doméstica de Natal.

No período de 1940 a 1945, foi professora de várias disciplinas: Português, Aritmética, História do Brasil, Geografia, Educação Física, Lavanderia, Economia Doméstica, Etiqueta, Jardinagem, Horticultura e Avicultura. Esses foram os anos da Segunda Guerra Mundial, e a cidade de Natal se viu sob a ameaça de bombardeio pelos alemães. Noilde relembra-se desse tempo, da sua ação para proteger a Escola Doméstica, dos treinamentos que fez para atuar como enfermeira em casos de pessoas feridas, dos blecautes e do pânico quando ouviam-se as sirenes durante as noites, sem se ter certeza se eram ensaios ou se os aviões e as bombas já estavam a caminho.

Em 1945, a Escola Doméstica ficou sem Diretora, pois a Professora Amélia Bezerra deixara a função por preferir o casamento. O Presidente da Liga de Ensino, Dr. Varela Santiago, convidou a Professora Noilde Ramalho para assumir o cargo interinamente. Até hoje, já se vão 65 anos, ou seja, é a maior interinidade que se tem notícia. Aliás, ela detém, com quase certeza, o recorde mundial de 70 anos como educadora atuante e de 65 como Diretora da mesma instituição. E o mais importante não é o tempo, mas o resultado do profícuo trabalho desenvolvido tão longamente em prol da

educação do Estado e do país. São gerações e mais gerações, com ex-alunas espalhadas pelo Brasil e até pelo exterior que a admiram e lhe devotam grande afeição. Recebe o respeito e a admiração de todo o Rio Grande do Norte, desde as pessoas mais simples até as mais graduadas, de todas as camadas sociais. Já lhe outorgaram as maiores comendas, os principais títulos, as mais significativas medalhas dos órgãos oficiais do Estado, de instituições particulares e sindicais, de empresas, de organizações não governamentais, enfim, de todos os setores representativos da sociedade.

No prefácio do livro "Noilde Ramalho - Uma História de Amor à Educação", disse o jurista Paulo Bonavides: "A ausência de livros no currículo de Noilde, educadora, não a priva, porém, de um lugar ao lado de Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro, príncipes da pedagogia no Brasil". Em depoimento para o livro já citado, o Cardeal Eugênio Sales expressou: "Há pessoas, como Noilde Ramalho, que avançam em idade e em virtudes". Comenta-se que ela é bastante segura nos gastos, principalmente quando se trata de dinheiro da instituição que administra. Vejam o que dizem as irmãs Aline e Haydée sobre o tempo de meninas: "Nó era sovina, tudo ela queria economizar. Assumia a tarefa de servir determinados alimentos, como o queijo e a goiabada, quando as fatias distribuídas eram extremamente finas. A reclamação era geral. Nosso primo Amaury dizia que o fatiador de queijo, que conseguia fatias quase transparentes, havia sido por ela patenteado". Dizem ainda as irmãs: "Noilde é uma criatura maravilhosa. Para sua família, especialmente na condição de filha, irmã e tia, a sua bondade é tanta que não há palavras para descrevê-la". Nessa mesma direção, escreveu o Padre José Mário de Medeiros: "Falar sobre D. Noilde é extremamente difícil. A diversidade de qualidades humanas, as virtudes cristãs e perene juventude de sonhos, ideais e realizações fazem do seu ser a pessoa indescritível. Ela não cabe nas palavras". O senador Garibaldi Alves Filho disse em seu depoimento sobre Noilde Ramalho: "É uma vida de entrega, que expressa o quanto

um ser humano pode realizar por seus semelhantes”. Diogenes da Cunha Lima, escreveu: “Ela é toda firmeza, exatidão, constância na formação de hábitos e atitudes por extrema lealdade à educação”. O atual Presidente da Liga de Ensino do RN, Dr. Manoel de Medeiros Brito, assinalou: “A Professora Noilde Ramalho é portadora de requisitos inexcedíveis para exercer a proeminência entre os mais notáveis educadores potiguares, merecendo o respeito, a admiração e a consagração de todo o Rio Grande do Norte”. O desembargador federal Marcelo Ribeiro Dantas, ex-aluno do jardim da infância da Escola Doméstica, manifestou, dessa forma, sua grande admiração pela sua “Fada Madrinha”: “Dona Noilde é imortal, mas não só por sua obra e por sua importância para Natal, como são os imortais das academias de letras. Acho que Dona Noilde é imortal mesmo, fisicamente. Se não for, merece. Deus é quem sabe”. A amiga de tantos anos, companheira das longas jornadas da Escola Doméstica, Margarida Cabral, afirmou: “Quando de visita à Escola, as ex-alunas admiram sua jovialidade e disposição. Conheço o segredo: nunca deixou de sonhar, criar e realizar. No seu cotidiano não existe o impossível, existe sim, um novo objetivo”.

Noilde tem duas filhas e um filho. Uma das filhas é a Escola Doméstica de Natal, que ela adotou há 70 anos. A outra filha é a FARN, a caçula da prole, que ela concebeu em 1997, após planejar essa criança por muito tempo. O filho varão é o Henrique Castriciano, que ela deu à luz em 1987. As filhas e o filho já lhe deram muitos netos, que são os alunos e as alunas dessas instituições. Atualmente, sob sua batuta, cerca de 7.000 alunos estão matriculados na ED, no HC e na FARN, desde o maternal até a pós-graduação. Se eu fosse falar sobre o trabalho de Noilde Ramalho nessas unidades de ensino seria preciso muitas horas, apenas para abordar alguns tópicos. A ED, o HC e a FARN ocupam um campus acadêmico de 18 hectares, belíssimo, que pode se equiparar aos melhores do país, para as instituições particulares. E Noilde Ramalho é a grande responsável por essa proeza, desde a doação do terreno pelo Estado, atuando

ao lado do Dr. Varela Santiago, a construção do prédio da ED na década de 1950, as outras inúmeras edificações, até a distribuição da vegetação do campus, formando um belo conjunto de árvores e de plantas ornamentais. Além disso, ela é o braço direito do Conselho Diretor da Liga de Ensino do RN, para preservar o "status" de instituição sem fins econômicos, que visa tão somente ao bem educacional, instituição que não tem herdeiros nem serve para implementar riquezas pessoais.

Volto ao livro "Noilde Ramalho - Uma História de Amor à Educação", no capítulo "Confissões". Aí, Noilde faz revelações, abre o seu coração e fala da sua vida amorosa, seus namoros e noivado. O primeiro namorado chamava-se Pedro, era aluno do colégio militar de Fortaleza. Depois, teve uma grande paixão por um militar do exército que foi para a Itália, enfrentar os alemães na Segunda Guerra Mundial. Pelas revelações, foi um caso muito sério, de amor verdadeiro. Mais amadurecida, recebeu proposta de casamento, pôs a aliança na mão direita e preparou enxoval. Mas houve um ultimato por parte do noivo: deixar a direção da ED. Porém, seu "coração já havia sido totalmente dominado", a Escola Doméstica venceu a luta. Não havia mais como mudar, sua imensa vocação de educadora ganhou a competição. E sua vida passou a ser uma história de amor à educação.

Estamos hoje aqui reunidos para festejar nossa condição de integrantes da família Ramalho. Contudo, há um motivo que nos toca mais direto o coração, um motivo que mais nos anima e nos envaidece, um motivo maior que nos alegra por estarmos juntos para celebrar o aniversário da líder da família, a figura exemplar de Noilde Ramalho, uma das pessoas mais queridas e mais admiradas do Rio Grande do Norte, a prima, irmã, tia, parente, amiga, e - por que não dizer? - a mãe, pelos vínculos do coração, de todos os que estão aqui reunidos. Sensível, culta, ativa, organizada, ela associa essas e outras qualidades em prol da sua inextinguível jornada educacional. Com uma energia impressionante, Noilde vê

o complexo de ensino que administra na sua globalidade, desde as grandes decisões, até um pedaço de papel jogado ao chão, ou uma cadeira fora do lugar, ou um descuido com as plantas do jardim. Escreve bem e tem ótimo discurso, seu pensamento é claro, suas opiniões são seguras e nunca tergiversa, quando tem de assumir posições. Discreta no agir, no falar, no vestir, no chegar e no sair, Noilde é uma pessoa elegante em todos os sentidos. Jessé Dantas Cavalcanti disse que ela era “a maior anfitriã que Natal já viu”. Aliás, as recepções que Noilde propiciou na Escola Doméstica, nas quais, só para exemplificar, sete presidentes da República foram protagonistas, fazem parte da história da cidade de Natal. Seus principais sustentáculos existenciais são a educação e a religião. Sua fé é tão forte que esse vigor espiritual revela-se contagiante. As luzes que diariamente pede ao Divino Espírito Santo ela as recebe, tornando-se, realmente, uma pessoa iluminada. De vida simples, sem maiores ambições pessoais, seu grande sonho de consumo é viajar. Quando chega de uma viagem, já começa a planejar outra. Há poucos dias, foi à Terra Santa, na sua quarta visita, onde viveu grandes emoções.

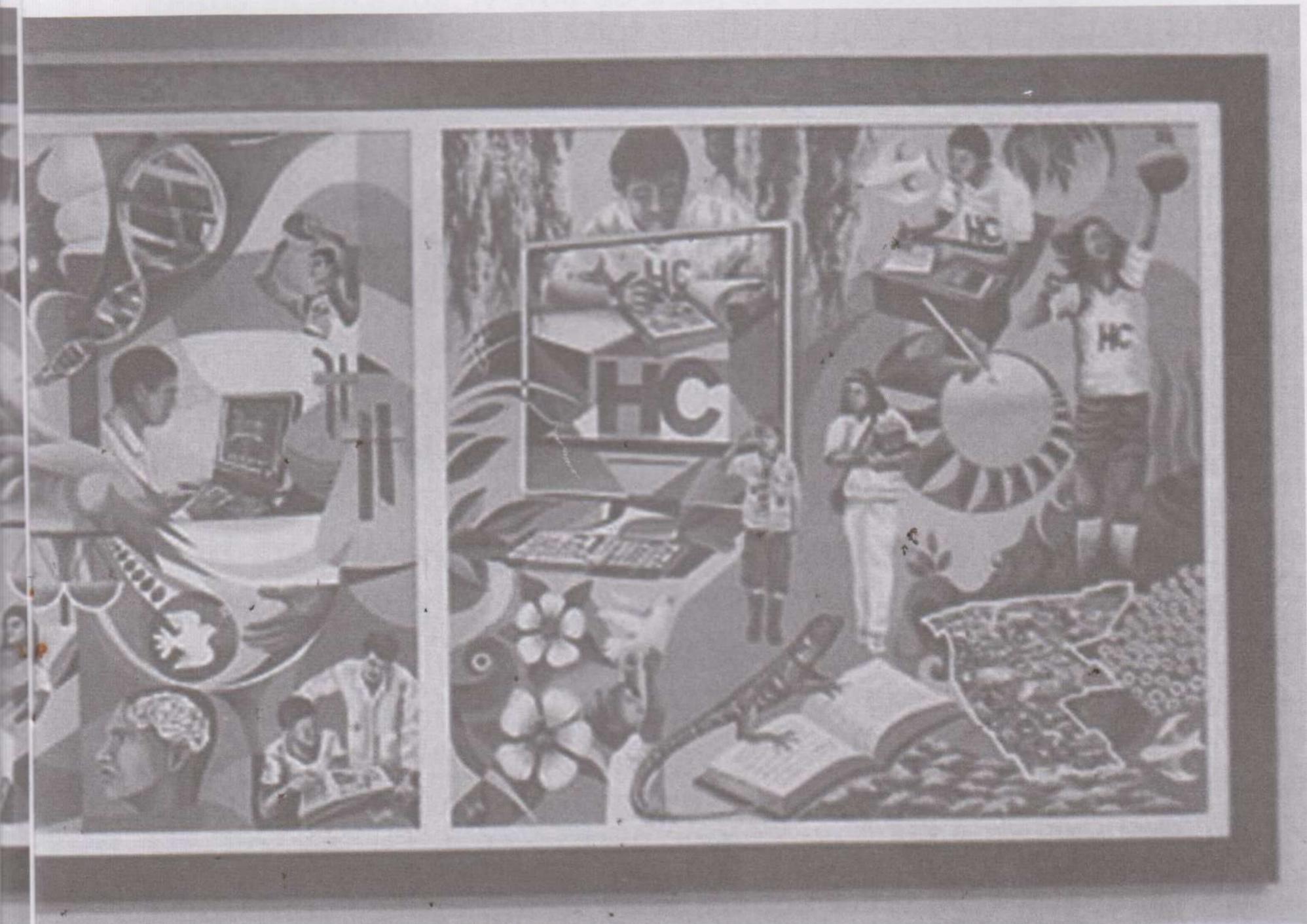
Do sábio escritor norte-rio-grandense Nilo Pereira, relembro a seguinte frase: “Felizes são aqueles que no princípio da vida olham os outros e, ao cabo de tanto esforço, são por todos olhados”. Noilde, você representa muito bem essa pessoa do pensamento de Nilo Pereira. Em qualquer recepção, a sua mesa é a mais visitada, sua referência é sempre seguida de elogios, a citação de seu nome, em algum auditório, resulta em espontâneos aplausos. Você é o guia, o norte, o exemplo, para gerações que se sucedem sob as influências do seu carisma. Para nós, que trazemos o sangue dos Ramalho, você é tudo isso e muito mais, você, Noilde, é a nossa líder, o nosso orgulho, a nossa figura central do mais exultante bem-querer familiar. Em vez de lhe dar presentes, pedimos a você o melhor dos presentes: para todos aqui reunidos, para suas irmãs, seus primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, para seus amigos, amigas e parentes

que muito a amam, pedimos que repasse, compartilhe conosco, dê a cada um de nós as suas bênçãos, as benfazejas bênçãos que você continuamente recebe de Deus. Amém.

Daladier Pessoa Cunha Lima

Discurso em homenagem ao 90º aniversário de Noilde Pessoa Ramalho, pronunciado no dia 21/08/2010, durante encontro da família Ramalho, realizado na Pousada Villas da Serra.





**Painel alusivo à ED, à FARN e ao HC,
autoria do artista plástico Levi Bulhões**

HONRAS A NOILDE RAMALHO

TRIBUNA DO NORTE

Ano 60 · Número 098 · Quinta-feira, 15 de julho de 2010

Menina-moça, Noilde Ramalho guardava o sonho de estudar na Escola Doméstica de Natal, a exemplo de algumas de suas primas. Em 1936, aos 16 anos, o sonho começa a se fazer real. De trem, ela sai de Nova Cruz, a caminho do futuro. A “maria-fumaça” puxa os poucos vagões, faz barulho e solta faísca, com a queima da lenha para esquentar a caldeira. Em São José de Mipibu, a máquina entra em pane e os passageiros precisam pernoitar na cidade. No dia seguinte, dona Lucilla deixa Noilde na Escola e se prepara para voltar com presteza, pois um telegrama dava conta de grave doença em outra filha, Anyole, que morava em Recife. Além das emoções por ingressar em um outro mundo, onde tudo era diferente do seu dia a dia até então vivido, a nova aluna da ED sofreu com a certeza da irmã doente, sob a dúvida pela falta de mais notícias. Anyole, linda moça, esbelta, pele alva, olhos expressivos, aos 22 anos viu-se prostrada pela tuberculose pulmonar. Quis voltar para Nova Cruz, e assim foi feito; teve de viajar de trem, não nos vagões de passageiros, pelo receio de contágio, mas em vagão reservado aos correios, em um espaço onde se levavam as cartas e as encomendas. O tempo passava, e Noilde era sempre ótima aluna; conseguiu nota final 9.2, que consta em seu diploma, assinado por Henrique Castriciano, Juvenal Lamartine, Monsenhor Alves Landin, Onofre Lopes, Manoel Varela de Albuquerque e Varela Santiago. A tristeza pela doença de Anyole, quando da sua chegada à Escola, aumentou na época da formatura, privando-a de qualquer festividade, pelo

luto familiar em virtude da morte da irmã.

A partir de 1940, Noilde Ramalho passou a integrar o quadro de professores da Escola Doméstica e, pouco a pouco, mostrava sua vocação para a causa educacional. Em 1945, Dr. Varela Santiago, presidente da Liga de Ensino do RN, convida a jovem professora para assumir a Direção da Escola. Desde então, todos os presidentes da Liga tiveram o bom senso de mantê-la na função. Neste ano de 2010, Noilde Ramalho, sob as bênçãos de Deus, completa noventa anos de idade, no dia 19 de julho, em pleno vigor físico, bem como completa sete décadas de inextinguíveis serviços prestados à educação do Estado e do país, sendo sessenta e cinco anos na Direção da modelar escola. Esse fato talvez seja um recorde mundial, acrescido de que não é somente o fator tempo, mas, sobretudo, ressaltam os grandes êxitos alcançados, frutos do zelo, da competência, da obstinação e do amor presentes em todos os instantes da longa jornada.

Em 2004, quando a ED celebrou noventa anos, foi lançado o livro biográfico Noilde Ramalho – Uma História de Amor à Educação, de minha autoria. Neste livro de 554 páginas, constam a genealogia, a infância, reminiscências, confissões, viagens, homenagens, além de outros temas relacionados à vida dessa figura humana singular. Do belo prefácio escrito pelo insigne jurista Paulo Bonavides: “Noilde é o exemplo que o Rio Grande adota e que a opinião pública aprova. (...) A notável educadora não pertence apenas ao Rio Grande do Norte, mas ao Brasil”.

Além do trabalho histórico de continuar a obra criada por Henrique Castriciano, a Escola Doméstica, Noilde Ramalho ampliou sua ação educativa com a criação do colégio HC, em 1987, e da FARN, em 1999, que formam um complexo de ensino com cerca de sete mil alunos. Dessa faculdade, ela é a chanceler e grande incentivadora, ao lado do atual presidente da Liga de Ensino do RN, Dr. Manoel de Medeiros Brito. Elegante, simples, culta, ativa, sensível, mantém uma beleza que o tempo não consegue desfazer, pois nasce no íntimo da sua alma. O Cardeal Eugênio Sales escreveu: “Há pessoas, como

Noilde Ramalho, que avançam em idade e em virtudes”.

Incansável, mantém o trabalho diário, com o mesmo amor de sete décadas atrás. O escritor e jornalista Woden Madruga, em discurso no Tribunal de Contas do Estado, resumiu o sentimento de todos que conhecem essa admirável mulher: “Dona Noilde, a senhora é uma graça de Deus”.

Daladier Pessoa Cunha Lima



“Escola Doméstica, religião da minha vida.”

Noilde Pessoa Ramalho

01/03/1990

VIVAS PARA A ED

TRIBUNA DO NORTE

Quinta-feira, 31 de agosto de 2009



No começo do século 20, a população de Natal, cerca de 25 mil pessoas, conheceu algumas novidades. Em 1904, abriram-se as portas do então Teatro Carlos Gomes, na Ribeira, bairro que partilhava com a Cidade Alta a hegemonia da vida urbana. Em 1911, os lampiões a querosene ou a gás foram trocados por focos de lâmpadas elétricas de 25 velas, as quais não chegaram a tirar da lua o título de rainha das noites, em uma época romântica, de serestas e serenatas. Os bondes vieram no mesmo ano e deram à urbe certo ar de modernidade. Os natalenses se divertiam com festas religiosas, os entrudos, as conversas alegres nas praças e nas calçadas, as tertúlias e os saraus, as sessões no Cine Polytheama, além dos banhos de mar em praias limpas e saudáveis. Nesse cenário meio bucólico, quando a oferta de ensino público e privado para meninos e meninas era muito precária, surge a Escola Doméstica de Natal, inaugurada no dia 1º de setembro de 1914.

Voltada para a educação feminina, a Escola Doméstica foi um avanço sem par no Brasil, sob a premissa de que cabia às próprias mulheres um papel importante para mudar a sociedade patriarcal vigente. Educadas, elas teriam uma visão libertadora da vida, tanto no âmbito familiar, quanto no espaço público, em prol do conceito maior de cidadania. Naquela longínqua data, já se vão 95 anos, Natal passou a liderar no Brasil um processo que se arrastava por séculos, no âmbito global, no sentido de garantir a emancipação da mulher pela educação. Um marco mundial dessa luta surgiu em 1792, com a publicação do livro "A Vindication of the Rights

of Woman”, da inglesa Mary Wollstonecraft. Uma notável norteario-grandense, Nísia Floresta, fez uma tradução comentada desse livro, e publicou, em 1832, “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens”. No mundo, em especial na Europa, na virada dos séculos 19 e 20, reverberaram essas ideias e surgiram escolas para meninas e para moças, no intuito de torná-las ativas cidadãs.

Nesse afã, Natal se destacou em nosso país, graças a um filho da terra dotado de cultura ímpar, com o sentimento do mundo e com a obstinação de fazer o bem: Henrique Castriciano de Souza. Em 1909, ele saiu em um singelo navio no rumo da Europa, a fim de ver o que se fazia por lá nessa área educacional. Durante vários meses, olhou os lagos e os Alpes, estudou, pesquisou e visitou *écoles ménagères* na Suíça. Ao regressar, criou a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte – mantenedora –, para depois fundar a própria Escola Doméstica de Natal. É justo que se faça uma menção especial aos ilustres homens que presidiram a Liga de Ensino, pois todos foram essenciais para a longa e profícua vida da ED. Na figura do atual Presidente, Dr. Manoel de Medeiros Brito, que apoia e supervisiona com desprendimento, zelo e competência os trabalhos da ED, do HC e da FARN, ao lado da Prof.^a Noilde Ramalho, a homenagem merecida e extensiva aos seus antecessores, entre eles Osório Dantas, Onofre Lopes e Varela Santiago.

A Escola Doméstica de Natal nasceu na órbita de uma boa causa, cresceu amparada por mãos seguras e consolidou-se como orgulho do povo potiguar. Preza a tradição, mas mantém a vanguarda nos seus planos e nas suas ações. Diretoras estrangeiras e brasileiras muito fizeram pela Escola ao longo de tão longo percurso. Porém, a face da ED é a face da Professora Noilde Ramalho, diretora por mais de seis décadas; ainda cheia de energia e de metas para o futuro. O segredo de tanto êxito? Somente cabe uma resposta: amor pelo que faz. Aliás, sua vida tão bonita se confunde e se amolda com uma história de amor à educação.

Daladier Pessoa Cunha Lima

ELOS DE FAMÍLIA

TRIBUNA DO NORTE

Ano 57 · Número 084 · Quinta-feira, 13 de março de 2008

Por dois dias, esteve reunido o grupo familiar Pessoa/Ramalho, ao qual pertença e que tem raízes paraibanas. O motivo principal era celebrar a jovialidade dos mais longevos. São cinco mulheres notáveis, cheias de vida, fortes, que ostentam essa láurea e nem veem o tempo passar: Noilde, Aline, Haydée, Yeda e Zilpe; e um homem – Amaury – que já caminha na nona década. Lépido, ótimo no jogo de xadrez, saúde em forma, bom humor, Amaury tem todas as condições para vencer a meta dos cem. As “meninas” guardam o mesmo otimismo, pois sabem se cuidar, aproveitam bem a vida e creem na força dos genes. Os organizadores, Fred e Dina, fizeram o máximo para reunir as quatro gerações, bem assim, para que os valores dos elos de família fossem ressaltados, em especial para os mais novos.

Foi perfeito o planejamento do encontro. O objetivo era voltar aos locais onde viveram os ancestrais. O grupo saiu de Natal em um ônibus e em vários carros, com destino a Tacima, primeira cidade paraibana depois da divisa estadual, no rumo de Passa e Fica. Lá, ainda se encontra a casa em que viveram meus bisavós maternos e os seus oito rebentos, duas mulheres e seis homens, dos quais três se formaram em Direito, um em Odontologia e um em Medicina. É um sobrado lindo, grande, que mantém seus traços originais, cobertura em duas águas, o mesmo assoalho, as mesmas portas altas e as mesmas janelas em arco. Presume-se que foi construído no final do século XIX. Há notícias de que meu avô, Francisco Targino Pessoa,

saía de uma fazenda próxima, montado a cavalo, e passava em frente a essa casa, pois sabia que nela moravam duas moças bonitas. Uma delas, então chamada de Olindina Amâncio Ramalho, já prevendo a hora que o garboso cavaleiro chegava, corria a uma janela do andar superior, para rápidas trocas de sorrisos. Depois, vieram as cartas com juras de amor trocadas por meio de mucama de confiança. Descoberto o segredo, então, as cartas tinham de receber primeiro o “ciente” do pai da namorada. Porém, ali estava selada a união das famílias Pessoa e Ramalho. Essa história faz lembrar Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mocambos*: “O patriarcalismo brasileiro, vindo dos engenhos para os sobrados, não se entregou logo à rua. E a maior luta foi travada em torno da mulher, (...) a quem o “pater famílias” do sobrado procurava conservar o mais possível trancada na camarinha”.

A próxima visita foi à fazenda Tanques, no município de Belém. A fazenda pertenceu aos meus bisavós, do ramo dos Pessoas, e agora é propriedade do casal Geraldo e Elza, que recebeu a todos com muita fidalguia. A casa-sede, construída por escravos por volta de 1860, está mantida em sua originalidade. Os atuais donos transformaram-na em espaço de muito bom-gosto, com decoração bela e apropriada. As paredes têm cerca de um metro de largura. Persiste um enorme quarto que era dos escravos, e, no centro, estão pequenos quartos sem janelas, as camarinhas. Desta casa-grande saía meu avô, a cavalo, para avistar minha avó, na pequena cidade de Tacima.

De Belém a Borborema. Outra emoção que merece artigo à parte: encontro com os descendentes de José Amâncio Ramalho. Fim de tarde e pernoite na Pousada Laranjeiras, na Serra da Borborema, lugar bonito e calmo, onde todos puderam comemorar, unidos pelos laços de família, da amizade e do bem-querer.

Daladier Pessoa Cunha Lima

PIONEIROS

TRIBUNA DO NORTE

Ano 57 · Número 305 · Quinta-feira, 27 de março de 2008

Em artigo anterior, falei de um casarão da cidade paraibana de Tacima, onde minha avó materna nasceu e viveu a mocidade. Ainda hoje existe o casarão, bonito, dois andares, servindo agora para abrigar um serviço de saúde pública. Foi construído na segunda metade do século XIX para ser morada da família de Antônio Amâncio Ramalho e Águida Rodrigues Leite Ramalho, meus bisavós. Antonio Amâncio Ramalho era o tipo clássico do páter-famílias. Com ideias avançadas e mente aberta, deu aos filhos a opção de estudar, o que resultou em cinco deles formados, de um total de oito, em época nada fácil para isso, cerca de cem anos atrás.

O filho mais novo do casal, Odilon Amâncio Ramalho, logo cedo enfrentou a vida do trabalho árduo. Inventivo, inquieto e ousado, criou alguns tipos de máquinas, entre as quais as de beneficiamento do sisal e do algodão, além de moenda para produção de farinhas. Pouco tempo depois de casar com Lucila Pessoa Ramalho, Odilon foi morar em Nova Cruz-RN, cidade em que viveu com a família por muitos anos e onde exerceu as funções de Presidente da Intendência (Prefeito). Nessa cidade, deixou o exemplo de pioneiro e empreendedor. Nas primeiras décadas do século XX, as novidades tecnológicas chegaram a Nova Cruz por suas mãos. Com efeito, foi ele quem levou a energia elétrica para a cidade pela primeira vez com a Empresa de Força e Luz. De modo similar, os nova-cruzenses conheceram o cinema e o telefone por sua iniciativa, bem como as indústrias de beneficiamento de milho, café e algodão, além das fábricas de vinagre, sabão e colorau. Estar na vanguarda era sua

meta, mas sem ambições de riquezas, pois nunca soube acumular bens materiais. Seus restos mortais e os de sua esposa repousam no cemitério de Nova Cruz, cidade que mais se beneficiou da sua visão constante de futuro.

José Amâncio Ramalho, irmão mais velho de Odilon, era outra figura notável. Há poucos dias, visitei a casa que ele construiu na cidade de Borborema-PB, durante emocional encontro familiar. Bela casa, com data de 1918 em relevo na fachada, estilo que lembra o neoclássico, mantida intocável pela viúva de segundas núpcias, Maria Livramento. Na sala de visitas, pode-se ver o quadro de formatura de José Amâncio, Faculdade de Direito do Recife, turma 1908, no qual também se acha o concluinte José Américo de Almeida, famoso escritor e político paraibano. A mobília da casa em madeira escura, o piso, as portas e as janelas, tudo em perfeito estado, lídima memória de uma época que o tempo tende a apagar. Entre muitas ações inovadoras de José Amâncio Ramalho, uma se destaca pelo absoluto pioneirismo. Trata-se da energização de cinco cidades da Paraíba, na primeira metade do século passado, por meio de hidroelétrica, instalada em uma barragem da sua fazenda de Borborema. Para tanto, ele importou da França uma turbina geradora de energia. Decidido, sua palavra tinha quase sempre força de uma ordem. Conta-se que, ao resolver casar pela segunda vez, pois não suportava mais a condição de viúvo, mandou avisar ao juiz de Bananeiras a sua intenção de contrair núpcias, naquele mesmo dia, com a sua nova paixão, Maria Livramento. O juiz respondeu que não podia atender o seu pedido, pois haveria uma festa na cidade à qual tinha de comparecer. José Amâncio, então, mandou dizer ao juiz que a luz de Bananeiras seria cortada e, assim, não haveria a tal festa. O meritíssimo não pensou duas vezes, foi rápido para Borborema e fez o casamento, para a felicidade de todos, principalmente dos alegres noivos. Então, tudo foi festa, naquela noite nas duas cidades do brejo paraibano.

MISS JAMES

TRIBUNA DO NORTE

Ano 57 · Número 120 · Quinta-feira, 16 de agosto de 2007

A professora norte-americana Leora James, mais conhecida por Miss James, viveu em Natal de 1917 a 1922, no exercício das funções de Diretora da Escola Doméstica. Sua atuação foi fundamental para a consolidação do projeto idealizado e implantado por Henrique Castriciano, o qual visava promover a emancipação feminina por meio da educação, no molde das Ecoles Ménagère da Europa, especialmente da Suíça. Entre as seis ex-diretoras estrangeiras da Escola Doméstica, ela se destaca pelo legado de uma gestão pioneira e inovadora. Reorganizou o currículo, com ampliação para o ensino das Artes, de História, Álgebra, Direito Usual, entre outras disciplinas, aumentou o ciclo de estudos para seis anos e criou rotinas necessárias à dinâmica da Instituição, muitas das quais estão até hoje inalteradas. Por exemplo, a breve oração repetida diariamente no refeitório da Escola – antes das refeições – vem do tempo de Miss James. A diplomação da primeira turma concluinte da ED, em 25 de novembro de 1919, no então Theatro Carlos Gomes, ocorreu sob a direção da educadora norte-americana, quando o paraninfo, Ministro Oliveira Lima, pronunciou memorável discurso em homenagem a Nísia Floresta.

Leora James, ainda muito jovem, veio para o Brasil na condição de missionária, por força da sua abnegação religiosa, indo morar no Recife. Antes, exercera as funções de diretora de uma escola na Virgínia – Estados Unidos. Sua transferência para Natal começou quando Henrique Castriciano convidou-a para conhecer a Escola Doméstica, após palestra sobre educação feminina proferida

pelo ilustre norte-rio-grandense, na capital pernambucana. Veio, viu e gostou, pois logo retornou para assumir a direção do estabelecimento, que estava no terceiro ano de funcionamento, porquanto fora inaugurado em 1º de setembro de 1914. A vinda de Leora James para Natal se deve, portanto, a Henrique Castriciano, que, na época, às voltas com a implantação da Escola Doméstica, exercia o cargo de Vice-Governador do Estado e assumia a liderança literária da província, destacando-se pelas suas produções na prosa e na poesia.

A saída de Miss James de Natal, em 1922, deve-se a outro grande intelectual e homem público notável, Antônio José de Melo e Souza (1867-1955), então Governador do Estado. Melo e Souza era homem austero, educado dentro de princípios rígidos do catolicismo. Solteirão, residia com duas irmãs solteiras, dessas que têm a Igreja como única razão de viver. O Governador soube de malévolo boato de que a Diretora dedicava-se a coaptar as alunas da ED para sua religião protestante. Inocente de tudo, Miss James dirigiu-se ao Palácio do Governo a fim de convidar o Governador para a solenidade de formatura da turma concluinte de 1922. Feito o convite, Melo e Souza secamente respondeu: “Senhora Professora, tenho o maior apreço pela Escola Doméstica e, especialmente, por seu fundador, Dr. Henrique Castriciano. Entretanto, sei que a senhora tem feito proselitismo junto às alunas, tentando atraí-las para a sua religião. Tem uma condição para a minha presença na solenidade: a ausência da Diretora”.

Essa passagem foi contada à Professora Noilde Ramalho pela própria Leora James, quando as duas se encontraram no Rio de Janeiro, muitos anos depois. Disse ter sido esse episódio a maior decepção da sua vida. Magoada e sentindo-se alvo de injustiça, Miss James entregou a direção da ED e deixou Natal, para nunca mais voltar.

MISS JAMES (2)

TRIBUNA DO NORTE

Ano 57 · Número 120 · Quinta-feira, 30 de agosto de 2007

Em artigo anterior, tentei mostrar a importância do trabalho de Miss James nas funções de diretora da Escola Doméstica. Henrique Castriciano teve a lucidez de entregar seu audacioso projeto de educação feminina a essa educadora norte-americana. Entristecida por desagradável episódio envolvendo o governador do Estado, Leora James deixou Natal no final de 1922. Cerca de 30 anos depois, a professora Noilde Ramalho, na Direção da Escola desde 1945, soube, por intermédio do Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, que a ex-diretora residia no Rio de Janeiro, no Hotel Serrador, centro da cidade. Na viagem seguinte ao Rio, Noilde Ramalho dirigiu-se a esse Hotel e perguntou na recepção pela hóspede Leora James. Quando o funcionário informava da inexistência de tal nome entre os hóspedes, uma senhora se aproxima e inicia o diálogo:

☒ Por favor, a senhora está procurando por quem?

☒ Por Leora James; informaram-me que ela mora aqui.

☒ Sou eu, mas não moro mais aqui; venho semanalmente buscar a correspondência na Caixa Postal. Agora, estou residindo no Hotel Novo Mundo.

Depois desse emocional momento, Noilde Ramalho e Leora James voltaram a se encontrar por diversas vezes no Rio de Janeiro. Ao deixar Natal, a educadora norte-americana trabalhou em destacadas escolas na então capital do país. Nas conversas entre as duas educadoras, Miss James transmitia suas memórias do tempo vivido em Natal, principalmente sobre a desafiante experiência na direção da ED, na fase de implantação dessa pioneira iniciativa.

Afora lamentável incidente com o governador Melo e Souza, católico fervoroso, o qual acreditou que ela fazia proselitismo da sua religião protestante junto às alunas, as reminiscências eram todas felizes e benfazejas. Uma hilariante passagem dessa época merece ser lembrada. Certo dia, a diretora Leora James recebe a visita de dona Inês Barreto, esposa de Juvino Barreto, moradores de casarão da Ribeira, onde, posteriormente, instalou-se o Colégio Salesiano São José. Uma lateral da área residencial da família Barreto ficava “vis-à-vis” com a fachada lateral do antigo prédio de dois pavimentos da Escola Doméstica. Dona Inês Barreto queixava-se e pedia providências contra a conduta de alguns insolentes rapazes que costumavam pular o muro da sua residência para subirem às árvores. Sem entender, Miss James disse que lamentava, mas esse problema não era da Escola. Dona Inês Barreto, então, explicou melhor ao dizer que os garotos subiam às árvores para olhar as professoras em seus aposentos no primeiro andar do prédio da Escola Doméstica.

Leora James casou com um patrício e foi morar nos Estados Unidos. Em julho de 1935, enviou longa carta escrita em inglês para Henrique Castriciano (arquivos da ED), na qual relata sua recente viuvez e o desejo de voltar a viver no Brasil. Residia em San Diego – Califórnia – e sua assinatura passou para Mrs. Sheridan. Em 1939, antes de fixar residência no Brasil pela segunda vez, ela veio ao país a fim de receber grande homenagem prestada pela Associação Brasileira de Educação. A solenidade ocorreu na Federação das Academias de Letras do Brasil, no dia 1º de agosto, com a presença de Henrique Castriciano, Eloi de Souza e Adauto Câmara (orador).

Leora James, chamada por alguns familiares das alunas de “dona Miss James”, prestou relevante serviço a um dos mais relevantes projetos educacionais do nosso Estado e mesmo do Brasil.

DE PIRPIRITUBA PARA NATAL

Prefácio do livro de memórias de Maria Dalvanira de Freitas Bezerra

Maria Dalvanira de Freitas Bezerra veio para a Escola Doméstica de Natal a fim de continuar os estudos, pois na sua pequena cidade, Pirpirituba, na vizinha Paraíba, o máximo que existia era o curso primário. Para ser aceita, precisou fazer o temido Exame de Admissão, seleção para iniciar o Ginásial, o que equivalia ao sexto ano do hoje chamado Ensino Fundamental. Fez o exame e ingressou em um mundo totalmente novo. Tudo era surpresa para aquela adolescente, criada no seio de um grupo familiar sem muitos recursos financeiros e em um ambiente interiorano simples e de poucas opções para o crescimento social e intelectual dos jovens. Seus pais, pessoas com mente aberta e visão de futuro, queriam dar aos filhos a chance de estudar em boas escolas, mas sofriam com as barreiras das finanças. Aos domingos, a bucólica Pirpirituba se agitava, recebia visitas, as ruas se enchiam de gente, o comércio ganhava movimento, pois era dia de ir à feira e de assistir à missa. Foi em um dia desses de feira que o destino de Dalvanira tomou um rumo diferente e feliz.

Bem perto de Pirpirituba, em uma área mais elevada, havia um engenho de cana-de-açúcar que produzia mel, rapadura e aguardente. Era o engenho Angelim, propriedade de Odilon Amâncio Ramalho e Lucila Pessoa Ramalho. Vivia-se a década de 1960, e o casal fora morar no Angelim, depois de residir por muito tempo no Rio Grande do Norte, nas cidades de Nova Cruz e Natal. Desde a juventude, Odilon Amâncio mostrou-se um homem empreendedor e pioneiro. Em Nova Cruz, instalou o primeiro serviço de iluminação

elétrica e, por sua iniciativa, os nova-cruzenses conheceram o cinema e o telefone. Dos seis filhos do casal, quatro nasceram em Nova Cruz, inclusive a educadora Noilde Ramalho. Com os filhos já independentes, Odilon foi com a mulher para aquela bonita região da Paraíba, em busca de um lugar tranquilo, de clima agradável, mas também sob o desafio de tornar o engenho produtivo. Todos os domingos, o casal descia a serra e chegava a Pirpirituba, com o intuito de participar da feira e da missa, bem como para encontrar os compadres e amigos. O ponto de apoio era a casa dos pais de Maria Dalvanira, o casal Manoel de Freitas e Arlete de Freitas. A amizade dos dois casais foi capaz de mudar a vida da inteligente jovem de Pirpirituba, quando Odilon Amâncio pediu à filha Noilde Ramalho, Diretora da Escola Doméstica, o apoio para tornar possível a vinda daquela menina-moça, nascida e criada no interior paraibano, para estudar nessa “sui generis” e famosa casa de ensino.

Os oito anos de estudos – seis no internato – na Escola Doméstica de Natal foram de forte impacto para as lides futuras de Dalvanira, que tem alcançado, ao longo do tempo, grandes metas de realização pessoal e profissional. Depois de 40/50 anos, ela escreve suas memórias dos ditos anos de formação cidadã passados na Escola Doméstica: “Imagens e Lembranças – Histórias Vividas na ED”, livro cheio de ternura, de emoções e de saudades. Pelo seu relato, vê-se o quanto a ED fez e tem feito pela educação da mulher, desde a sábia inspiração de Henrique Castriciano, há 95 anos. Proustianamente, Dalvanira sai em busca do tempo perdido. Não dá bolas para os tremores das mãos, causados pelo Mal de Parkinson, pois suas lembranças, vivas e firmes, afloram com a nitidez da mente e com o afeto do coração. O livro é bom de ler, é alegre e autêntico. São evocações felizes de um passado repleto de venturas, em sintonia nostálgica com a expressão de Marcel Proust: “Os verdadeiros paraísos são os paraísos que se perderam”.

NOILDE PESSOA RAMALHO

TRIBUNA DO NORTE

Quinta-feira, 30 de dezembro de 2010

Tem-se a impressão que ninguém no Rio Grande do Norte foi tão homenageado em vida quanto Noilde Ramalho. Refletiu-se agora essa condição, durante seus funerais, pela impressionante manifestação de bem-querer que a cidade de Natal prestou à mulher que dedicou sua vida à educação. Em 1945, Noilde Ramalho foi nomeada Diretora da Escola Doméstica de Natal, função que exerceu até 25 de dezembro de 2010, data do seu encantamento. Durante todas essas décadas, dedicou-se de corpo e alma à Escola, renunciou casamento, devotou-se ao ensino de várias gerações de alunas, foi anfitriã de visitas ilustres – inclusive presidentes do país –, adaptou-se às mudanças, criou um colégio e uma faculdade, e, sobretudo, deu lições de grandeza humana através de ações, de gestos, de atitudes, no dia a dia e ao longo do tempo. Na última conversa que tivemos, na véspera do embarque em um navio com alguns amigos, em viagem de lazer, dei-lhe notícias do menino vendedor de cocadas que certo dia lhe pedira apoio para estudar em um bom colégio, foi atendido, e agora é aluno destaque da FARN, com bolsa integral do Prouni; falamos de outros assuntos e dos planos para o futuro. Estava sempre a pensar no futuro, porquanto tinha uma energia vinda de fonte que nunca secava, a qual parecia se replicar em pessoas próximas. Brindava o passado, vivia o presente e gostava de olhar para o futuro.

Não sabia ela, não sabia ninguém, que aquela viagem de navio não a traria de volta ao seu porto seguro. Voltou somente

o corpo, pois seu espírito despreendeu-se, ganhou a eternidade, encheu-se de luz e foi para junto de Deus. Mesmo com a certeza de que Noilde Ramalho recebeu a graça do Senhor, reservada aos bons e aos adeptos à prática do bem, a tristeza pela sua ausência é enorme: vai fazer falta, muita falta, deixou saudades, muitas saudades. Mas seus exemplos continuam, persistem as ações em prol da educação, por meio dos que com ela aprenderam, dos seus amigos, dos discípulos, das gerações que a conheceram e receberam suas bênçãos educacionais. Falo em bênçãos, ou seja, algo além de sábios ensinamentos, pois nasceram de uma figura humana cuja aura irradiava amor, grande amor ao trabalho, à natureza e à vida; amor às pessoas, sem restrições, amor à humanidade, amor especial às crianças de quem sempre ganhava um sorriso capaz de mostrar o vínculo afetivo com aquelas pequenas criaturas. Otimismo e bom humor não lhe faltavam, e apesar da longa idade, nada a abatia, tudo era motivo para renovar-lhe a coragem de lutar por suas crenças e convicções.

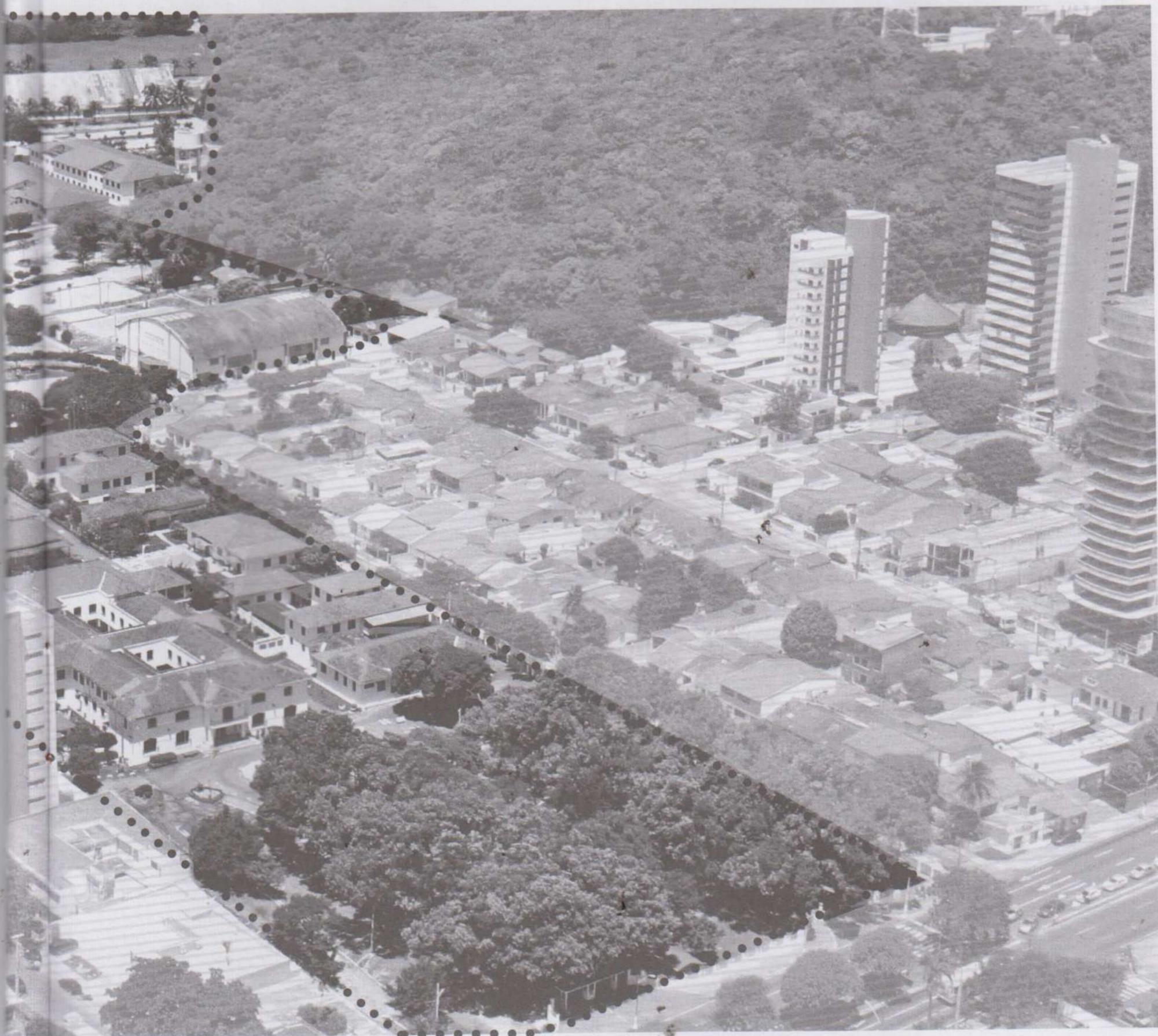
Tenho a honra de ser biógrafo dessa mulher notável, com o livro “Noilde Ramalho – Uma História de Amor à Educação”, de 554 páginas, publicado em 2004. O título do livro já define o conteúdo, o qual revela a trajetória de quem fez renúncias para se dedicar à educação, em uma jornada de sete décadas, a fim de levar avante a Escola Doméstica de Natal, um legado do poeta Henrique Castriciano, bem como para criar e dar vida ao Complexo Educacional H. Castriciano e à FARN, um conjunto de ensino, hoje, com mais de sete mil alunos. Pessoa fascinante, estava sempre a surpreender no vigor físico, na vivacidade, na alegria, nos gestos de afeto e de solidariedade. De porte altivo, era discreta, bonita e elegante.

Sua morte deixa de luto o Rio Grande do Norte e o país. Agora, seu nome passa a figurar na galeria dos grandes nomes que marcaram a educação brasileira. A profunda fé em Deus era presença forte em suas emoções. A vida dessa pessoa tão feliz findou em

meio à paixão de viajar, nas terras de Santa Catarina, na cidade de São Francisco do Sul, como se quisesse render graças ao Santo do coração puro e o mais próximo dos Evangelhos. Entregou-se aos céus no dia da festa maior da cristandade, como se fosse para exaltar a vinda do Salvador. Bem-aventurada Noilde Pessoa Ramalho: uma multidão de amigos e admiradores rende-lhe honras, guarda ternas lembranças e dedica-lhe fervorosas orações.

Daladier Pessoa Cunha Lima





Vista aérea do Campus ED/HC/FARN

TRIBUNA DO NORTE

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA [reitor da Fami]

Honras a Noilde Ramalho

Muita honra, Noilde Ramalho guardava o sonho de estudar na Escola Doméstica de Natal, a exemplo de algumas de suas primas. Em 1936, aos 16 anos, o sonho começa a se fazer real. De manhã ela sai de Nova Cruz, a caminho do futuro. A "maria-fumega" puxa os portos vagões, faz barulho e solta fumaça, com a queima da lenha para esquentar a caldeira. Em São José de Mipibu, a máquina entra em pane e os passageiros precisam permanecer na cidade. No dia seguinte, dona Leíla deixa Noilde na Escola e se prepara para voltar com presteza, pois um telegrama dava conta de grave doença em outra filha, Ayrule, que morava em Recife.

Além das emoções por ingressar em um outro mundo, onde tudo era diferente do seu dia a dia até então vivido, a nova aluna da ED sofreu com a certeza da imã doente, sob a direção pela falta de mais notícias. Ayrule, lada moça, estela, preta, olhos expressivos, aos 22 anos voltava prostrada pela tuberculose pulmonar. Quis voltar para Nova Cruz, e assim foi feito: teve de viajar de trem, rdo nos vagões de passageiros, pelo reoio de crendas, mas em vagão reservado aos senhores, em um espaço onde se levaram as cartas e as circulares. O tempo passou e Noilde de casa sempre última aluna; conseguiu nota final 9,2, que costava em sua diploma, assinado por Henrique Casarício, Juvenal Lameribe, Mescrihar Alves Landu, Otonfrir Lucas, Manoel Viridia de Albuquerque

de Ayrule, quando da sua chegada à Escola, aumentou na época da formatura, privando-a de qualquer de, pelo liar em morte d

A par Noilde passou quando ns da metálica prova, n viração si etica 1945, Di ga de Er fessorap de etibo nam obe te no de ções del de, no di bem con divia se todo e d al Drey ve seja que não brava, ções, tr óculos

Em 2004, quando a ED celebrou noventa anos, foi lançado o livro historiográfico "Noilde Ramalho - Uma História de Amor à Educação", de minha autoria. Neste livro de 554 páginas, constam a genealogia, a história,

TRIBUNA

Pioneiros

Em artigo anterior, falei de uma família Taclima, onde minha avó materna ainda hoje existe e casará, bonita para abrigar um serviço de saúde e

gunada metade do século XIX, para seu nio Amâncio Ramalho e Águeda Rodrigues. Antônio Amâncio Ramalho famílias. Com ideias avançadas e mção de estudar, o que resultou em um tal de oito, em época nada fácil para

o filho mais novo do casal, Odilon enfrentou a vida do trabalho árduo. criou alguns tipos de máquinas, entre do sisal e do algodão, além de moenda Pouco tempo depois de casar com Luísa

Eios de família

DALADIER PESSOA CUNHA

Por dois dias, esteve reunido o grupo familiar Pessoa/Ramalho, no qual pertence e que tem raízes paraibaras. O motivo do encontro era celebrar a chegada de Noilde Ramalho ao Natal. A família era celebrada dos membros. Noilde Ramalho, filha de Noilde Ramalho e Ayrule Ramalho, nasceu em 1914, em São José de Mipibu, Pernambuco. Ela foi a primeira filha de Noilde Ramalho e Ayrule Ramalho. Ela foi a primeira filha de Noilde Ramalho e Ayrule Ramalho. Ela foi a primeira filha de Noilde Ramalho e Ayrule Ramalho.

Por perfeito o planejamento do encontro. O objetivo era voltar aos antepassados e rever os ancestrais. O grupo saiu de Natal para o Rio de Janeiro em 1998, com destino a Taclima, primeira e importante fazenda no Brasil. A Taclima é uma fazenda de 100 hectares, com 1000 metros de frente para o mar e 1000 metros de largura. Ela foi fundada em 1800 por Antônio Amâncio Ramalho e Águeda Rodrigues. Ela foi fundada em 1800 por Antônio Amâncio Ramalho e Águeda Rodrigues. Ela foi fundada em 1800 por Antônio Amâncio Ramalho e Águeda Rodrigues.

Por perfeito o planejamento do encontro. O objetivo era voltar aos antepassados e rever os ancestrais. O grupo saiu de Natal para o Rio de Janeiro em 1998, com destino a Taclima, primeira e importante fazenda no Brasil. A Taclima é uma fazenda de 100 hectares, com 1000 metros de frente para o mar e 1000 metros de largura. Ela foi fundada em 1800 por Antônio Amâncio Ramalho e Águeda Rodrigues. Ela foi fundada em 1800 por Antônio Amâncio Ramalho e Águeda Rodrigues. Ela foi fundada em 1800 por Antônio Amâncio Ramalho e Águeda Rodrigues.